

## **A epidemia do Covid-19 devolve a Igreja à sua responsabilidade primeira: a fé**

- Artigo do Cardeal Robert Sarah, publicado no «Le Figaro», em 19 de Maio de 2020

A epidemia do Covid-19 devolve a Igreja à sua responsabilidade primeira: a fé.

Tem a Igreja ainda um lugar em tempos de epidemia no século XXI? Diferentemente dos séculos passados, a maior parte da atenção médica proporciona-a agora o Estado e o pessoal sanitário. A modernidade tem os seus heróis seculares de batas brancas e são admiráveis. Já não necessita dos batalhões caritativos de cristãos dispostos a cuidar dos enfermos e a enterrar os mortos. A Igreja tornou-se inútil para a sociedade?

O Covid-19 devolve os cristãos ao essencial. Com efeito, desde há muito tempo, a Igreja entrou numa relação falseada com o mundo. Confrontados com uma sociedade que pretende não necessitar deles, os cristãos, por pedagogia, esforçaram-se por demonstrar que podem ser-lhe úteis. A Igreja mostrou-se como educadora, mãe dos pobres, «perita em humanidade» como disse Paulo VI. E tinha boas razões para proceder assim. Mas, **pouco a pouco, os cristãos acabaram por olvidar a razão destas características**. Acabaram por olvidar que, se a Igreja pode ajudar o homem a ser mais humano, em última instância, é porque recebeu de Deus palavras de vida eterna.

A Igreja está comprometida com as lutas por um mundo melhor. Apoiou com razão a ecologia, a paz, o diálogo, a solidariedade e a distribuição equitativa da riqueza. Todos estes combates são justos. Mas poderiam fazer-nos olvidar as palavras de Jesus: «O Meu reino não és deste mundo». **A Igreja tem mensagens para este mundo, mas apenas porque tem as chaves do outro mundo**. Os cristãos pensaram, por vezes, na Igreja como uma ajuda dada por Deus à humanidade para melhorar a sua vida aqui em baixo. E não lhes faltam argumentos, porque realmente a fé na vida eterna ilumina a forma justa de viver no mundo.

**O Covid-19 pôs a descoberto uma insidiosa enfermidade que está a carcomer a Igreja: pensar em si mesma como «deste mundo»**. A Igreja queria sentir-se legítima aos seus olhos e segundo os seus critérios. Mas surgiu um facto radicalmente novo. A modernidade triunfante despenhou-se frente à morte. Este vírus revelou que, pese às suas promessas e seguranças, o mundo de aqui de baixo ficava paralisado pelo medo à morte. O mundo pode resolver as crises sanitárias. E seguramente que resolverá a crise económica. Mas nunca resolverá o enigma da morte. Só a fé tem a resposta.

Ilustremos esta ideia de modo concreto. Na França, como em Itália, o tema das residências de idosos foi um ponto crucial. Por quê? Porque se colocava directamente a questão da morte. Deviam os residentes anciãos ser confinados nas suas habitações, mesmo com o risco de morrer de desespero e solidão? Deviam estar em contacto com as suas famílias, arriscando-se a morrer com o vírus? Não se sabia o que responder.

O Estado, encerrado numa laicidade, que elegeu por princípio ignorar a esperança e restringir o culto ao âmbito privado, estava condenado ao silêncio. Para ele, a única solução era fugir da morte física a todo o custo, ainda que isso significasse condenar a uma morte moral. A resposta só podia ser uma resposta de fé: acompanhar os anciãos até uma morte provável, na dignidade e, sobretudo, na esperança da vida eterna.

A epidemia feriu as sociedades ocidentais no seu ponto mais vulnerável. Tinham-se organizado para negar a morte, para a esconder, para a ignorar. E ela entrou pela porta principal! Quem não viu essas morgues gigantes em Bérgamo ou em Madrid? São as imagens de uma sociedade que prometia, há pouco, um homem agigantado e imortal.

As promessas da técnica permitem olvidar o medo por um momento, mas acabam sendo ilusórias quando a morte golpeia. Inclusive a filosofia não faz mais do que devolver um pouco de dignidade a uma razão humana esmagada pelo absurdo da morte. Mas é impotente para consolar os corações e dar um sentido ao que parece estar definitivamente privado dele.

Frente à morte, no há resposta humana que se sustenha. **Só a esperança de uma vida eterna permite superar o escândalo.** Mas que homem se atreverá a pregar a esperança? É necessária a palavra revelada de Deus para se atrever a crer numa vida sem fim. É necessária uma palavra de fé para se atrever a esperá-la para si mesmo e para os seus. Assim pois, **a Igreja Católica está chamada a voltar à sua responsabilidade primeira. O mundo espera dela uma palavra de fé** que lhe permita superar o trauma deste encontro, cara a cara, com a morte. Sem uma palavra clara de fé e de esperança, o mundo pode afundar-se numa culpabilidade morbosa ou numa raiva impotente perante o absurdo da sua condição. Só ela pode dar sentido à morte das pessoas queridas, mortas na solidão e enterradas apressadamente.

Mas então, a Igreja deve mudar. **Deve deixar de ter medo de chocar e de ir contracorrente. Deve renunciar a pensar-se a si mesma como uma instituição do mundo. Deve voltar à sua única razão de ser: a fé.** A Igreja está aqui para anunciar que Jesus venceu a morte pela sua ressurreição. Este é o coração da sua mensagem: «Se Cristo não ressuscitou, é vã a nossa pregação, é vã também a nossa fé e nós somos os mais infelizes de todos os homens» (1 Coríntios 15,14-19). Tudo o resto não é mais que uma consequência disto.

AS nossas sociedades sairão debilitadas desta crise. Necessitarão de psicólogos para superar o trauma de não ter podido acompanhar os mais velhos e moribundos às suas tumbas, mas necessitarão ainda mais de sacerdotes que as ensinem a rezar e a ter esperança. A crise revela que as nossas sociedades, sem o saber, sofrem profundamente de um mal espiritual: não sabem dar sentido ao sofrimento, à finitude e à morte.

*(Traduzido do texto em Castelhana, publicado por Jorge Soley, no dia 25 de Maio de 2020, em «Archipiélago Ortodoxia»)*